

EDIÇÃO 3 – 2ª ETAPA | SETEMBRO DE 2021

INFORMATIVO ATI 39

ASSESSORIA TÉCNICA INDEPENDENTE 39/NACAB
(NÚCLEO DE ASSESSORIA ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS POR BARRAGENS)

Fala comunidade,
página 4

Saúde mental e as
comunidades atingidas
pela mineração,
página 7



Memórias de quando a família de Edenilza se divertia no córrego do Campinas, em São José do Arruda.

Editorial

Abrir o espaço de fala para as comunidades foi uma das melhores e mais importantes mudanças no Informativo ATI39/Nacab. Não somente porque é deles que recebemos as impressões sobre os impactos (positivos e negativos) da mineração, como também porque é através de suas narrativas que nosso trabalho cotidiano se consolida e ganha sentido.

Conviver com os atingidos, ouvir suas histórias, seus relatos e ter acesso a suas memórias, traz uma oportunidade ímpar de compreender um pouco do que as comunidades têm vivenciado ao longo dos anos e como percebem os impactos da mineração em suas vidas. Impactos positivos existem, e os negativos também, podendo ser vistos e sentidos nas percepções e nos relatos que os moradores apresentam na seção Fala Comunidade!

Cada narrativa reforça ainda mais o sentido do nosso trabalho! Em primeiro lugar porque são vidas e todas têm valor! Suas necessidades, anseios e expectativas devem ser consideradas, respeitadas e levadas a quem de direito, através de um trabalho técnico, isento e pautado pela necessidade de dar voz e vez aos vulneráveis, equilibrando a balança do processo. Em segundo lugar, porque atender estas vidas é o objetivo e a razão de ser da Assessoria Técnica Independente.

Nesta perspectiva, é importante reforçar que, para cuidar, é preciso ter a confiança e a certeza de estar no caminho certo, com equilíbrio e saúde mental. Ter uma saúde mental significa estar em harmonia com as emoções, os desejos, os direitos sociais, o exercício da cidadania e a interação social. Por isto, nesta edição do Informativo, trazemos uma reportagem especial tratando da necessidade de conservar e tratar da saúde mental de todos os envolvidos neste processo.

Ainda nesta edição, falaremos, também, sobre alguns aspectos técnicos do trabalho da ATI com relação a uma das grandes questões colocadas pelos atingidos de todas as comunidades atendidas: o que nós, da ATI 39/Nacab, podemos fazer em relação à falta de água ou má qualidade dela nas comunidades? Na seção Por Dentro da ATI, a Coordenadora Juliana Sampaio esclarece sobre os limites de atuação dos colaboradores, ressaltando sua importância na construção dos documentos técnicos para subsidiar as ações dos moradores com relação aos problemas enfrentados, e em especial os relacionados à qualidade da água.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Por que a ATI é tão importante para as comunidades?

É um direito! Você e sua comunidade têm direito à ajuda dos profissionais que fazem parte da ATI para avaliar como devem ser reparados os danos sofridos.

É uma escolha! A assessoria técnica foi escolhida pelas pessoas das comunidades atingidas.

É independente! Apesar de ser paga pela empresa, em cumprimento da Condicionante 39, a ATI atua junto aos atingidos, de forma independente e desvinculada da empresa.

É multidisciplinar, porque é composta por profissionais de diversas áreas, para levar aos atingidos um atendimento que contemple todos os aspectos.

É criteriosa e igualitária, porque trabalha para estabelecer critérios justos, isonômicos e equitativos nas negociações com a empresa, sejam elas coletivas ou individuais, buscando equilibrar relações desiguais.

É transigente, porque busca soluções através do diálogo.

É um instrumento legal de garantia de direitos, porque é uma forma segura e profissional de alcançar a reparação integral dos danos sofridos e garantir seus direitos.



Por dentro da ATI

Neste mês trazemos na coluna técnica um dos assuntos que mais gera dúvidas em nossos atendimentos: o que nós, da ATI 39/Nacab, podemos fazer em relação à falta de água ou má qualidade dela nas comunidades?

Nós, da ATI 39/Nacab, possuímos limitações, impostas pelo Plano de Trabalho (que delimita todas as ações possíveis da assessoria técnica) e, nesse sentido, não podemos, por exemplo, fazer análises laboratoriais da água, atestando sua qualidade, mas podemos:

- Registrar as ocorrências de falta de água nas comunidades;
- Evidenciar as possíveis alterações na qualidade;
- Acompanhar e avaliar os dados de monitoramento que o empreendedor faz ou deixa de fazer;
- Questionar e/ou, solicitar ações e informações complementares a esse processo de acompanhamento da qualidade hídrica, ao empreendedor, quando necessário.

Outra ação importante que pode ser desenvolvida pelos colaboradores técnicos da ATI é construir documentos técnicos que são encaminhados à SEMAD (Secretaria de Estado de Meio-Ambiente e Desenvolvimento Sustentável), à mineradora e outros órgãos governamentais, com a indicação de possíveis melhorias na qualidade e oferta da água, nas comunidades.

Assim, a ATI 39/Nacab pode atuar tecnicamente, com a apresentação de estudos que apontem as necessidades das comunidades, mas as demandas somente poderão ser, de fato, atendidas caso a SEMAD e o empreendedor avaliem a pertinência e deem o direcionamento nas ações.

Segue um breve resumo das ações possíveis a serem realizadas pela equipe Técnica, apresentando fundamentos e justificativas para buscar sua resolução:

- Avaliar e acompanhar os programas da mineradora para verificar o que pode ser melhorado;
- Levantar os impactos observados no dia a dia pelos atingidos, coletando as informações e evidências, para encaminhamento a SEMAD e/ou empreendedor para resolução;
- Acompanhar a execução das condicionantes do processo de licenciamento e os documentos técnicos protocolados que atestam ou não o seu cumprimento;
- Apoiar as negociações e o processo de reassentamento caso seja de interesse do atingido;
- Acolher as demandas psicossociais e fazer os devidos encaminhamentos.



Por Juliana Sampaio
Coordenadora da Equipe Técnica
(COTEC)

Qualquer dúvida sobre o assunto, entre em contato!

Estamos à disposição nos escritórios em São Sebastião do Bom Sucesso (Sapo) e em Conceição do Mato Dentro. Ou fale com a nossa equipe em campo.

Fala comunidade!

Foto: Samuel Medeiros

Sebastiana (Turco)

Sebastiana Maria da Silva, 58 anos, moradora da comunidade do Turco desde o seu nascimento, é conhecida por todos como Tanica. “Eu não sei quando começou esse apelido, meu nome certo é Sebastiana e me chamam de Tanica. Me chamavam assim na escola. Até as professoras às vezes me chamavam de Tanica. Eu já cresci com esse apelido e aqui na comunidade custam a saber quem é Sebastiana”, afirma.

Ela mora na mesma casa, que era de seus pais, quase a vida toda. “Foi feita depois que eu nasci, a casa tem mais de 50 anos. Antes era uma casinha que nós tínhamos, pequena, aí meu pai construiu essa aqui. Aqui sempre foi o núcleo da família. Aí todo mundo foi casando e eu fui ficando, meus pais morreram e eu tô aqui até hoje.” Esse laço familiar, criado em torno de uma terra é uma das coisas que a moradora do Turco mais se orgulha da comunidade.

Além de ser a casa da família, também é o local que provém Tanica com a sua renda como quitandeira. “Eu planto banana, cana, mandioca... Tem a minha horta, também, que eu cuido. Planto feijão todo ano. Eu planto tudo. Aqui é assim, eu tiro uma coisa, planto outra, não paro não. A terra é boa. Só que agora em menor quantidade, porque as coisas diminuem, né”. A menor quantidade é devido ao êxodo da comunidade. Sebastiana vendia sua quitanda para vários moradores da região e, com as mudanças, sua produção diminuiu e alguns produtos tiveram sua receita modificada: o biscoito de polvilho, que era feito com a sua própria farinha artesanal, passou a ser produzido com farinha comprada em comércios.

Tanica possui sete irmãos ao todo. A falta desse núcleo familiar e de amigos é sua maior queixa como moradora atingida do complexo Minas-Rio: “A falta das pessoas é o que mais incomoda. As minhas irmãs, nós somos três e nenhuma mora aqui mais, saiu tudo. Uma morava pertinho. Agora estão morando em Conceição do Mato Dentro, com todos os meus sobrinhos. A gente sente saudade. Isso tudo traz tristeza, aqui tinha muita gente, famílias grandes. Hoje, dos irmãos meus só existem três que moram aqui.”

A última vez que reuniu com sua família na comunidade do Turco foi há dois anos, Tanica lem-



bra da data porque faz dois anos que sua irmã se mudou. A poeira, o barulho dos transportes e da própria mineração são, também, incômodos diários para Tanica e seu filho Cristiano. Ela conta que “a partir das 23h, quando a gente se deita, parece que o tempo para um pouquinho. De tão alto, tem dia que eu penso que tem caminhão chegando aqui na porta, mas não é”. Por causa disso, afirma, a maioria dos seus amigos e familiares saíram da comunidade.

Sobre o reassentamento, Tanica e seu filho, Cristiano, ouvem vários relatos de seus desdobramentos. Alguns positivos, como da própria irmã, e outros negativos, como de seus primos que usavam a terra para produção, “pra vender os produtos, eles têm que vir até Conceição. Os vizinhos não são os mesmos, tem que começar tudo de novo. Esse é um dos motivos de a gente não ter saído até hoje, porque é uma mudança radical de estilo de vida.”

Tanica e seu filho esperam que a atuação da ATI 39/Nacab na comunidade, principalmente nesta segunda etapa, esclareça dúvidas sobre os reassentamentos e que suas demandas enquanto atingidos sejam ouvidas. “Espero melhoria. A gente espera que venham coisas boas. Como a gente é atingido aqui hoje, a gente espera ser reconhecido como atingidos.” E, se houver o reassentamento, que ele seja baseado em suas demandas e necessidades. Por fim, ela aponta: “é igual vocês, que são de longe e tão aqui hoje. No dia que vocês estão junto da família, não é outra coisa?”

Edenilza (São José do Arruda)

Edenilza Machado da Cruz Oliveira, 56 anos, nasceu em Itabira e veio para a região aos 15 anos. Ela conta que mora na comunidade de São José do Arruda há 27 anos. Destes, são 10 anos trabalhando como quitandeira, produzindo biscoitos de polvilho, roscas de trigo e “quebra quebra” - biscoitos feitos com o polvilho doce.

Edenilza é uma produtora conhecida da região e as suas delícias podem ser encontradas tanto em Conceição do Mato Dentro, como em Alvorada de Minas e no Serro. No começo de sua produção, a Cáritas Regional de Minas Gerais a ajudou com a construção da cozinha, a doação de um forno maior, além de uma geladeira e um freezer. E, agora, ela já conseguiu aumentar a construção, comprar outro forno e fazer diversas melhorias em seu local de trabalho. “Hoje, eu faço, em média, de 20 a 25 quilos de polvilho por dia”, afirma.

A moradora de São José do Arruda conta que, há alguns anos, a vida na comunidade era bem melhor. A irmã e seus seis sobrinhos moravam ao lado dela, “chegava final de semana, a gente saía pra passear com os meninos, levava no rio, naquele rio do córrego do Campinas. A gente ficava o dia todo com eles na água. Era muita gente, então não tinha medo. Era muita criança pequena e a gente ficava, porque não tinha movimento de carro, não tinha nada, então a gente andava tranquilo”. Hoje, ela conta que isso acabou. “A gente se sente insegura,



não tem como sair mais. Eu tenho medo, né? Por causa dessas carretas que passam aí derrubando a gente. Aí acabou a liberdade, não tem mais liberdade de sair, não tem pra onde ir”, afirma.

Além disso, Edenilza lamenta que as diversões no rio não acontecem, porque a água está suja. Hoje, nem os peixes estão mais lá. “Não tem peixe, não tem água, não tem nada”, destaca. A moradora atendida afirma que a água, que antes jorrava dos terrenos, agora secou. “Só tem a marca do poço, mas já secou tudo”. Os moradores só não enfrentam problemas relacionados à falta d’água, porque no ano passado, conquistaram, junto à prefeitura de Alvorada de Minas, o abastecimento das casas.

Além do impacto com relação à falta de liberdade de ir e vir, o cotidiano dos moradores de São José do Arruda é marcado pelo barulho dos caminhões

e pelo mau cheiro que vem da barragem. Com as chuvas intensas, Edenilza afirma ser mais difícil sentir, “aí quando der uma parada, com o sol, o cheiro até arde no nariz da gente, porque nós estamos embaixo né?”.

Apesar dessas questões, ela afirma gostar de morar na comunidade. “Aqui é tranquilo, aqui é paz pra tudo... O ruim são só esses problemas. Se pudesse melhorar, a gente nem pensaria em sair daqui”. Por isso, ela afirma que espera que a ATI 39/Nacab ajude os moradores a viver de uma forma melhor e que todos devem procurar a Assessoria, para ter uma resposta. “Eu espero que vocês deem uma força pra gente, porque a gente está sendo prejudicado, espero que vocês deem essa força...”, finaliza.



Conceição (Taporoco)

Conceição Simões da Silva, 67 anos, mais conhecida como dona Sussuca, é nascida e criada na comunidade de Taporoco. O apelido a acompanha desde a infância. “Como eu era a mais pequena da região, a criancinha, então eles tinham um carinho diferente comigo, porque eu era a mais pequeninha e me chamavam de Sussuquinha, Sussuca, era uma forma carinhosa”, conta. Na época, sua família morava na beirada do rio Taporoco, de frente para a família de sua prima, que morava do outro lado do rio.

Sussuca conta que a vida em Taporoco sempre foi de muita união e, apesar de ter vivido alguns anos da juventude entre idas e vindas a Belo Horizonte, onde conheceu o seu marido Raimundo, ela nunca deixou de viver a vida na comunidade. Em Taporoco, a comunidade vivia do que plantava e do que criava. “Aqui, criava muito porco, meu pai tinha uma criação de porco muito grande... Eu nasci já vendo esse ritmo de vida dele, de plantação também. Plantava muito milho, muito feijão, verdura, fruta, tudo. Era tudo da casa”, lembra. E, na comunidade, todos se ajudavam. Enquanto, em um dia da semana, todos colhiam o café da casa de Sussuca, no outro, estavam todos os vizinhos ajudando na plantação de outras casas.

Desde que a mineradora veio para a região, Sussuca afirma que a sua vida mudou. “Tirou a parentela toda da gente, a gente ficou aqui bem encostado no canto... Antes, a gente era mais unido, um dependia do outro. Depois que a mineradora chegou, que tirou uma grande parte, ficou só nós aqui, o seu João... A gente tem que pegar dinheiro, tem que ir ao médico, e ficou sem ajuda de ninguém”, afirma.

A comunidade era populosa e, de acordo com Sussuca, as casas preenchiam a estrada até chegar na MG-10. Todos eram parentes e tinham algum vínculo. Por isso, a união na comunidade era diária. “Tudo



o que a gente fazia aqui era assim, pra ajudar”, afirma Sussuca. Todos estavam ali para acompanhar os mais velhos, trabalhar, colher, levar as pessoas até a cidade. Agora, quando as famílias que ainda resistem em Taporoco precisam resolver qualquer problema fora da comunidade, elas têm que pedir que alguém de fora vá até lá buscar.

Com esse isolamento, Sussuca e Raimundo têm a consciência de que precisarão sair da comunidade. Ainda que a mineradora não tenha feito nenhum contato com a família, Raimundo diz que “a gente tem que sair, mas não quer ir pra cidade. A gente quer ficar na roça mesmo” e, por causa disso, acreditam que pode ser um processo mais demorado. A única certeza entre os dois é de que não desejam ir para uma cidade. “Se me tirar, o corpo vai, mas a cabeça fica aqui, enterrada aqui. E isso atrapalha muito, a saúde, o jeito da gente viver...”, afirma Sussuca.

A moradora atingida de Taporoco conta que sente falta de tudo em sua comunidade. Da união, da alegria, dos bate papos, da conversa entre as famílias e dos passeios que eles faziam aos finais de semana. Antes, quando tinham muitas pessoas na comunidade, as famílias

juntavam. Sussuca conta que “a gente dançava, com sanfona, com radiola, tinha forró... Nossa alegria era dançar, porque era só parente”. Seu filho, Vladimir, reforça: “Até os passeios, né, mãe? Que antigamente, final de semana, dia de domingo, ficávamos ‘ah, vamos na casa de fulano de tal?’, ‘ah, fulana ganhou um menino, vamos visitar a família?’. Sempre tinha algum lugar pra gente ir. Hoje não tem mais”.

Com as ações da ATI 39/Nacab junto à comunidade, Sussuca tem uma grande expectativa com o trabalho da ATI. “A gente espera muita coisa, viu? Vocês vão fazer uma diferença muito grande na vida da gente, não vão deixar a gente na dúvida sobre esses processos da mineradora”, afirma.



Saúde Mental e as comunidades atingidas pela mineração

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), não há uma definição específica sobre o conceito de saúde mental. Ela engloba não apenas a ausência de doenças, como também é um completo bem-estar físico, mental e social. Ter uma saúde mental significa estar em harmonia com as emoções, os desejos, os direitos sociais, o exercício da cidadania e a interação social.

O tema, no entanto, ainda é bastante delicado em muitos ambientes sociais. As discussões sempre vêm acompanhadas de mitos que envolvem a percepção de que a desestabilidade mental e emocional não tem solução. A verdade é que nós somos expostos a inúmeras situações de estresse que podem, em alguma medida, acarretar esse desequilíbrio mental.

Os moradores das comunidades atingidas pela expansão do complexo minerário em Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim e Alvorada de Minas, sofreram e sofrem diversos impactos relacionados à atividade do empreendedor, como a falta d'água, a poeira, o mau cheiro e outros. Além disso, os moradores das comunidades que se encontram na Zona de Autossalvamento (ZAS) enfrentam diariamente o medo de viver abaixo de uma barragem. Todos esses impactos, direta ou indiretamente, podem causar danos à saúde mental dessas pessoas.

A analista multidisciplinar da ATI 39/Nacab, Cristiane Caldeira, que trabalha com a assessoria psicossocial às famílias atingidas, afirma que “de acordo com o comitê permanente de interações, os conflitos armados e os desastres naturais causam graves sofrimentos psicológicos e sociais às famílias e populações atingidas”. Assim, “os impactos psicológicos e sociais de emergência podem ser acentuados em curto prazo, mas também podem deteriorar a saúde mental e o bem-estar psicossocial da população atingida em um longo prazo. Esses impactos também podem ameaçar a paz, os direitos humanos e o desenvolvimento”.

Isso porque, geralmente, os moradores das comunidades atingidas pelo empreendimento cresceram ali, constituíram família e passaram, também, por todo esse processo de formação comunitária. Para Jussara Soares, que também é analista multidisciplinar da área psicossocial da ATI 39/Nacab, “quando chega um empreendimento que diz: ‘olha, a partir de hoje, tudo aquilo que você constituiu como pessoa, como estudante, como trabalhador, como vizinho, como pai e como filho, toda essa história, você vai ter



que deixar pra trás’. Isso acontece não porque a pessoa quer, mas porque é imposto, e isso causa muito sofrimento. Tem uma ruptura e é uma ruptura de vínculo, uma ruptura de vida”.

Por isso, de acordo com Cristiane, uma das prioridades em situação de emergência, como é o caso das 11 comunidades assessoradas, é proteger e melhorar a saúde mental e o bem-estar psicossocial das pessoas. Dessa forma, o trabalho psicossocial da ATI presta o acolhimento psicológico, “que tem como atribuição acompanhar as famílias, para que com a atenção aos comportamentos psíquicos dos atingidos, possam contribuir no melhor atendimento do caso e em sua consequente resolução”, afirma Cristiane. Além disso, há uma parceria entre o município e o setor do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que acolhem os moradores, a partir dos relatórios gerados pelas analistas da ATI, para que as famílias atingidas iniciem o projeto terapêutico. Nesse acordo, Cristiane conta que a psicóloga pode acompanhar a evolução dos casos dessas famílias, junto ao CAPS e os profissionais, para discussão envolvendo o cuidado em saúde mental. Ela ressalta, ainda, que essa foi uma das conquistas dos atingidos, em parceria com o Nacab, desde a primeira etapa do trabalho da ATI 39 nas comunidades.

“Pra gente ter um corpo que está bem, a gente tem que ter uma mente que está boa. Se eles estão em desarmonia, a gente é um ser desarmonico num todo”, afirma Jussara. Por isso, a nossa equipe busca trazer mais harmonia nas questões que envolvem as comunidades atingidas pela mineração e tenta mitigar os efeitos nocivos, preservando o bem-estar de cada morador na busca por uma reparação e pelo cumprimento de seus direitos.

Resumo do mês

Durante o mês de setembro, a ATI 39/Nacab esteve em campo para mobilizar as comunidades a participar das reuniões presenciais, realizadas entre os dias 8 e 11 de setembro e, também, ao final do mês, entre os dias 28 de setembro e 01 de outubro. Nestas reuniões, a equipe de Mobilização, Engajamento e Participação Social (COMEP) da ATI apresentou o funcionamento do trabalho desenvolvido junto às comunidades, conversou sobre formas de participação e engajamento dos moradores e, também, esteve focada em alinhar as lideranças que representarão as famílias atingidas de cada comunidade.

Além disso, a ATI iniciou a reforma no escritório localizado em São Sebastião do Bom Sucesso – Sapo, para melhor atender aos moradores que vivem nas comunidades mais próximas. Enquanto isso, o escritório em Conceição do Mato Dentro seguiu aberto, dentro do horário comercial, para atendimentos presenciais com os atingidos.

Também neste mês, a equipe de Secretaria Executiva e Comunicação (COSEC) aplicou o questionário sobre a “Campanha Programa de Convivência”, que foi distribuída digitalmente, nas comunidades de Água Quente e Passa Sete. A campanha aconteceu ao longo do mês de agosto, através do Whatsapp e das reuniões presenciais nas comunidades. Além disso, transformou o boletim semanal, que passou a ser veiculado no formato de “spot” de rádio, com o objetivo de facilitar o acesso às principais notícias da ATI 39/Nacab.

Se você, leitor, tiver alguma sugestão de pauta ou texto para contribuir com a construção do nosso Informativo ATI 39/Nacab, sinta-se a vontade para compartilhar conosco. Juntos, podemos mais!



Fotos de algumas das reuniões com as comunidades que aconteceram ao longo do mês de setembro.

EXPEDIENTE ATI 39

EDIÇÃO DE SETEMBRO DE 2021

Produção: Coordenação de Secretaria Executiva e de Comunicação (COSEC) | **Responsável Editorial:**

Lacy Aguilar | **Textos:** Lacy Aguilar, Júlia Militão e Samuel Medeiros | **Revisão:** Lacy Aguilar, Ana Beatriz Barros e Wander Torres | **Diagramação:** Júlia Militão e Samuel Medeiros | **Foto de capa:** Samuel Medeiros



@nacabmg



facebook.com/nacabmg



www.nacab.org.br



ati39.lacyaguilar@nacab.org.br

Rua Capitão Miguel Safe, 180, Centro - Conceição do Mato Dentro, MG | CEP: 35.860-000
Rua Dâmaso, 55, São Sebastião do Bom Sucesso - Conceição do Mato Dentro, MG | CEP: 35.862-000
Rua Santo Antônio, 130, João Braz - Viçosa, MG | CEP: 36.576-208

Contatos:

Fernando: (31) 97155-4657 (Conceição do Mato Dentro) | Geisa: (31) 99758-3983 (Sapo)

Assessoria
Técnica
Independente
ATI 39

NACAB
NÚCLEO DE APOIO
às COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS